

REFLEXÕES SOBRE A TRANSCRIÇÃO DE NARRATIVAS ORAIS E SINALIZADAS

CAROLINA OLIVEIRA MACEDO¹;
DAIANA SAN MARTINS GOULART²

¹Universidade Federal de Pelotas – carolmo1864@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – daiana.goulart@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda o processo de transcrição e por sua vez “transcrição” de entrevistas realizadas com professoras ouvintes, uma professora e duas alunas surdas, que compartilham experiências individuais e coletivas sobre ensino, aprendizagem em seus devidos contextos, considerando-o não apenas como uma etapa técnica, mas como um momento de interpretação, escuta, mediação e registro cultural. Segundo LIMA (2017), a transcrição constitui a primeira versão escrita dos depoimentos e busca reproduzir fielmente a oralidade, preservando marcas linguísticas, pausas, entonações e silêncios que compõem o sentido narrativo.

Quando se trata de narrativas em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS ou de relatos sobre experiências na educação e aprendizagem de surdos, essa tarefa ganha uma complexidade adicional, pois, como aponta PIZZIO (2019), transcrever a interpretação de narrativas em Libras envolve refletir sobre como registrar elementos visuais, espaciais e corporais que não têm correspondência direta no português.

Assim, a transcrição é compreendida aqui como prática que exige sensibilidade e delicadeza para manter a integridade da voz (ou sinal) das entrevistadas, servindo como base para etapas posteriores de análise, textualização e, eventualmente, transcrição, sem perder de vista a singularidade das experiências relatadas.

2. METODOLOGIA

Este trabalho insere-se no âmbito do projeto “Língua Brasileira de Sinais no Rio Grande do Sul” (UFPEl, 2024–2028), cujo um dos objetivos é construir um acervo que considere aspectos linguísticos, culturais e históricos da Libras no estado. O processo de transcrição ocorreu a partir de entrevistas realizadas por meio de vídeos e áudios, nas quais até o devido momento, participaram seis entrevistadas: duas professoras ouvintes que são reconhecidas como as primeiras educadoras de surdos na cidade de Bagé, localizada na região na região da campanha do estado do Rio Grande do Sul, próximo à fronteira com o Uruguai. Três pessoas surdas que foram alunas dessas educadoras em diferentes instituições de ensino da cidade, atualmente uma delas também exerce a docência e uma ex-aluna ouvinte que vivenciou uma das primeiras etapas da educação de surdos na cidade.

O processo de transcrição teve início com a primeira escuta do vídeo ou áudio, já acompanhada da transcrição. A segunda escuta era destinada à revisão e à correção de palavras não compreendidas inicialmente. A terceira escuta tinha

como objetivo a correção geral da transcrição e a inserção da minutagem das falas, à qual também eram acrescentadas imagens ou fotos apresentadas pelas entrevistadas em referência a determinadas atividades e momentos abordados, facilitando a localização do material para o restante da pesquisa. Essa transcrição era organizada em uma tabela, juntamente com a minutagem e não em formato de texto linear, justamente para possibilitar a identificação precisa de cada fala no vídeo ou áudio correspondente. Os materiais analisados tinham duração de 10 minutos a uma hora.

Vale ressaltar que as primeiras transcrições foram realizadas a partir de entrevistas com pessoas ouvintes, enquanto as seguintes foram destinadas a pessoas surdas. Como possuo um conhecimento muito limitado da língua de sinais, esse processo causou certo estranhamento no início, considerando que a transcrição ocorreu a partir da interpretação do que era sinalizado pelas entrevistadas, realizada pela orientadora do projeto. Alguns autores na área da tradução e da interpretação, mencionam que o ato de traduzir e interpretar envolve um processo de recriação, reinvenção ou transcrição como menciona CALDAS (1997), neste sentido o conceito de transcrição traduz uma ação criativa e uma relação viva entre as clássicas dicotomias (sujeito-objeto, eu-tu, oral-escrito, documento-pesquisador), superando-as sem fazer-lhes concessões.

A etapa de registro e transcrição também foi guiada pela perspectiva de memória coletiva de Halbwachs (2006), conforme discutido por LEAL (2011), compreendendo que algumas das falas das entrevistadas como construções ancoradas em experiências partilhadas no grupo, o que implica que o ato de transcrever é também preservar vestígios dessa memória social. Assim, a transcrição buscou captar não apenas a literalidade das falas ou sinais, mas os significados compartilhados que emergem das lembranças coletivas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de transcrição, aliado à organização das falas em tabelas, permitiu a identificação de três categorias de narrativas, as quais serão analisadas de maneira mais aprofundada e criteriosa ao longo do projeto, são elas: *Experiência pessoal/profissional* que estão relacionadas às histórias e trajetórias das professoras, incluindo formação, experiências de trabalho, desafios enfrentados e aprendizados pessoais que influenciam sua prática docente, *Métodos e abordagens de ensino* que consistia em estratégias pedagógicas utilizadas em sala, como ensino bilíngue, recursos visuais e atividades adaptadas, mostrando como cada professora organiza o ensino para favorecer a compreensão dos alunos surdos e *Relatos de processo de ensino e aprendizagem* que por fim foram descrições de situações em sala de aula, respostas e participação dos alunos, dificuldades e conquistas observadas, evidenciando como a prática docente se ajusta às necessidades e ao progresso dos estudantes, especialmente quando se trata do ensino da Libras em um período em que eram escassos as teorizações e não havia aportes legais reconhecendo a Libras como uma língua.

4. CONCLUSÕES

O processo de transcrição constituiu-se como uma etapa fundamental da pesquisa, não apenas para o registro de uma história que vem sendo passada

para outras gerações de forma oral e sinalizada, mas também como uma aproximação da transcritora com um projeto de pesquisa que integra diferentes formas de comunicação. O estranhamento inicial causado pelo conhecimento limitado da língua de sinais foi superado por meio da mediação da orientadora do projeto, responsável pela interpretação do conteúdo sinalizado. Esse contexto evidenciou os desafios, assim como as potencialidades do que foi realizado até agora e proporcionou à transcritora um contato direto com essas histórias, permitindo-lhe aprender com as experiências relatadas pelas participantes.

Conforme já mencionado, a partir desse trabalho, houve a separação de três categorias: experiência pessoal/profissional, métodos e abordagens de ensino, e relatos de processo de ensino e aprendizagem, que apontam para caminhos de futuras investigações. O material também evidenciou a riqueza e a complexidade do processo de ensino da língua de sinais e da língua portuguesa como segunda língua, bem como sobre a aprendizagem ao longo da trajetória das participantes.

Dessa forma, conclui-se que o processo de transcrição, mais do que um procedimento técnico, transformou-se em um processo de reflexão cultural, que envolve re/criação no momento de passar uma narrativa oral ou sinalizada para a língua escrita, possibilitando refletir e pensar sobre as singularidades que envolvem o ato transcrever.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, R. B. Estudos culturais e literatura oral: do planejamento à transcrição, textualização e transcrição. **Revista de Estudos Culturais e Literatura Oral**, [S.l.], p. 1–25, 2017.

LEAL, L.A.M. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. **Revista Espaço Acadêmico**, [S.l.], n. 18, p. 153–161, 2011.

PIZZIO, A. R. Transcrição da interpretação de narrativas em Libras (para pensar sobre a transcrição das pessoas surdas). **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 39, n. 2, p. 166–186, 2019.

QUADROS, R. M.; LILLO-MARTIN, D. Língua de herança e privação da língua de sinais. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 213–222, jan./jun. 2021.

CALDAS, A. L. Interpretação e realidade. **Caderno de Criação, UFRO. Dep. de História/CEI**, n.º 13, ano IV, Porto Velho, setembro, 1997.